

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
ESPECIALIZAÇÃO EM CENOGRAFIA**

ANELISE BASSANI GUERI

ESPAÇOS PÚBLICOS: UM POTENCIAL CULTURAL

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA
2015**

ANELISE BASSANI GUERI

ESPAÇOS PÚBLICOS: UM POTENCIAL CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Cenografia do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial – DADIN – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Walter Lima Torres Neto

CURITIBA
2015

TERMO DE APROVAÇÃO

ESPAÇOS PÚBLICOS: UM POTENCIAL CULTURAL

por

ANELISE BASSANI GUERI

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Cenografia pelo Curso de Especialização em Cenografia do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Walter Lima Torres Neto (UFPR) – Orientador

Prof. Dr. Ismael Scheffler (UTFPR)

Profa. MSc. Simone Landal (UTFPR)

Curitiba, dezembro de 2014.

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

RESUMO

GUERI, Anelise Bassani. *Espaços públicos: um potencial cultural*. 2015. 18 f. Monografia (Especialização em Cenografia) – Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

Este artigo apresenta-se como uma análise de pesquisas bibliográfica e analítica a partir de estudos dos espaços públicos e seus potenciais culturais, levando em consideração a visão da população sobre a “imagem da cidade”, bem como a fluxos urbanos e eventos culturais. Inclui acontecimentos históricos para esclarecer o diálogo inicial entre sociedade e espaço cultural. Utiliza-se de exemplos localizados no centro da cidade de Curitiba para elucidar o pensamento de potencialidade do lugar e questioná-los quanto às atuais utilizações em aspectos culturais, assim como sobre as influências políticas.

Palavras-chave: Espaços públicos. Imagem da cidade. Eventos culturais. Curitiba.

ABSTRACT

GUERI, Anelise Bassani. *Public spaces : a cultural potential* 2015. 18 f. Monografia (Especialização em Cenografia) – Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

This article presents an analysis about a bibliographic research and a case-study of public spaces and their cultural potential through the vision of the population about "image of the city", as well as cultural events. There has been used examples from Curitiba city to elucidate the thoughts and inquire them as their current uses.

KEY WORKS: Public spaces. Image of the city. Cultural events. Curitiba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 DESENVOLVIMENTO	07
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

Em meio a elementos estacionários de uma cidade, o ser humano guarda em sua memória imagens, formando com elas um mapeamento mental cheio de lembranças e significados. É sob esta premissa que Kevin Lynch desenvolveu algumas de suas ideias, que ele descreve no livro *A Imagem da Cidade*. Em consonância com essas ideias e diante de observações cognitivas sobre alguns espaços específicos da cidade podemos compreender estes locais de diferentes formas, as quais serão citadas e descritas em seguida.

O objetivo deste artigo é relacionar a comunicação e integração entre os espaços com seus repertórios culturais e históricos, os quais são realizados a partir de projetos de reestruturação e restauração dos espaços. Alguns exemplos das regiões centrais de Curitiba serão citados, como o Corredor Cultural – que se apresentava indissociável do evidente repertório de arte e cultura que é proposto pelos vários espaços culturais ao seu redor.

Em síntese, a proposta consiste em relacionar a sociedade, os espaços correlatos do antigo Corredor Cultural e as propostas de eventos que propiciam avanços na área cultural nos espaços físicos existentes neste centro.

2 DESENVOLVIMENTO

Um dos pontos de partida para o desenvolvimento deste artigo é a necessidade imaginativa das pessoas, a percepção da sociedade sobre os espaços e sua correlação com os possíveis espaços com potenciais culturais.

Ao olhar desatento da sociedade, que se encontra cheia de ocupações e preocupações diárias, poucas identificações sobre o espaço podem ser relevantes. Desta forma, é primordial ao entendimento desses elementos, que se estabelecem em uma relação, a qual é geralmente identificada por signos mentais.

A sociedade e suas relações com a cidade

A mentalidade do ser humano se condiciona e se transforma em um pré-estabelecimento racional da percepção do indivíduo, quanto à direção das ruas e aos elementos construídos que a compõem, que estão ligados principalmente em associações que se faz com algum espaço da cidade. Esta é a “imagem da cidade” impregnada de lembranças e significados, que antevêm sempre sensações e as transformam em movimentos, certamente pouco perceptíveis a todos os cidadãos. “[...] nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação com seus arredores e com as sequências de elementos que a ele conduzem, bem como às lembranças de experiências passadas.” (LYNCH, 2006, p.1)

Kevin Lynch (2006) entendeu esse sistema e percebeu que essa relação entre a população de uma cidade e seu traçado pode existir mutuamente, pois eles influenciam e são influenciados, baseados pela memória.

Itinerários, cruzamentos, centros urbanos, elementos independentes, porém coincidentes de um traçado urbano, constituem em um aglomerado que tangencia um fluxo condicionante de população, que é atraído para certas tipologias constituintes e necessárias àquele espaço. São condicionantes da memória que, vinculados, têm por sua vez a *performance* quanto a reforçar espaços e signos, os quais carregam uma importância correlata, evidenciada também por Marc Augé, em *Não Lugares*: “[...] o itinerário que leva até ele sinalizado por etapas e pontos fortes, compõe com ele um lugar “de sentido único”, um “espaço”, no sentido em que Michel de Certeau usa o termo.” (2012, p. 84)

As cidades, elementos construídos, estão sempre em grande mudança, em reforço à trajetória do dia a dia desta circulação promovida pelos “códigos cotidianos”, signos mentais. É supondo que uma rotina diária proporcione a nós sempre os mesmos percursos, com os

mesmos significados, que, em consequência, teríamos um ritmo de vida constante. Devido a certas tendências de movimento, comércio e estruturas no geral condicionam-se e preparam-se de modo a se inserirem em um espaço de intensa lucratividade. E é diante de um sistema que muitas outras funcionalidades da cidade também a compõem, para que tudo possa se complementar.

É perante um fluxo convergente, o qual surge pela narrativa dos usuários, que se inicia a “construção da cidade” determinada por certas zonas de confluência. Estes núcleos surgem devido às práticas cotidianas e aos repertórios de usos, que, por sua vez, proporcionam um aglomerado de interesses em comum. A interferência cria uma lógica de configuração, caracterizada como novos territórios e ambientes, espaços que relacionam sujeito e objeto sob uma dinâmica de correlações.

A forma dinâmica da cidade habita o pensamento da população por meio do significado de alternativas imutáveis, e é desta forma que se constrói uma silhueta urbana de propriedade daqueles que a entendem e conseguem tirar partido favorável dela.

Fortalecida pela polarização de certas funções urbanas, as quais conduzem a novos direcionamentos e padronizações, principalmente quanto a determinadas tipologias organizacionais do espaço, a hierarquia urbana se estabelece com maior propriedade em alguns espaços da cidade e proporciona uma transformação de suma importância no que diz respeito principalmente ao uso do solo destas regiões. Christaller, geógrafo alemão, perseverante no entendimento de condicionantes espaciais, questionava sobre essa influência dos espaços públicos, com o pensamento estruturante de que: “Para utilizar elementos construídos no tradicional de hierarquia urbana é importante considerar o conjunto de relações que influenciam o espaço público.” (LIMA, 2007, p. 51)

A partir da experiência e vivência pessoal de cada cidadão influenciado por interações sociais, somadas ao influxo externo de um contexto urbano, a experiência de uma hierarquia urbana pode ser um tanto perigosa. Entende-se como polarização segundo a lógica governamental, como exemplares de ações de desordem que se caracterizam como um modo de domínio, desintencionado ou não, do espaço. É neste momento em que, pela contenção de massas, há certamente uma resistência quanto ao espaço público, regido por ações governamentais. Por esse potencial gestor, que rege a resistência de elementos sob a hegemonia de um espaço, o processo de transformação torna-se mais determinante. Este contexto esteve presente em alguns dos textos-base de José Carreira, o qual intensifica sob seu modo de visão suas referências sempre relacionadas ao espectador de um teatro de rua.

São os processos espaciais e as demandas do traçado urbano junto à sociedade, as quais dominam e são dominadas, que perpetuam sobre as emoções urbanas de escritos de Bruce Nauman em interpretações de Martin Peran; “[...] tornar-se um artista que interpreta os códigos hegemônicos (mobilidade impulsionada, segurança...) que organizam experiência de um espaço sujeito a várias narrativas ideológicas.” (PERAN, 2010, p. 4). E é por essa interpretação de repressão, que se condiciona a um certo gerenciamento do espaço, que por muitos passa despercebido.

Apesar de imaginarmos que essa inter-relação existe somente entre espaço, o homem e também as forças governamentais, juntamente com alguns outros fatores contribuem incisivamente para esse envolvimento. Devido a esse sistema de relações da atualidade é necessário que façamos uma reflexão sobre mudanças entre os estilos de vida e inserção de elementos comuns ao dia a dia – como televisores, acesso a músicas, internet, alimentação, que, neste tempo presente são essenciais –, pois consistem em mudanças na recepção primeira do ser humano, resultado do impacto de uma evolução tecnológica.

Tais mudanças enraizadas possuem forte influência, quase que imediata pela dinâmica evolutiva que se procedem. Uma onda de pró-atividade se cria pela nova realidade citada anteriormente e se modifica principalmente pela intervenção de elementos, os quais em poucos anos alteram a cultura e a economia mundial, como consequência do sentimento e das relações recriadas, até mesmo com os espaços da cidade. Foi desta forma que Carreira identificou em seu texto *Teatro de rua como apropriação da silhueta urbana: hibridismo e jogo no espaço inóspito* (2001) esses sistemas de relações entre novas e antigas necessidades humanas, as quais podem impactar nas relações existentes entre o cidadão e a cidade.

Diálogo cultural entre cidadão e lugar urbano

Em *História da arte como história da cidade*, Argan argumenta sobre a história do teatro e quanto foi perceptível o discernimento de que, com a evolução de recursos teatrais como a “caixa preta” e a iluminação cênica, o teatro deixou de ser de todos e passou a ser elitizado. Este teatro “Fina Flor” se desenvolveu com maior objetivo para exhibir vestidos em camarotes, carruagens e, para muitos leigos no assunto, apenas para vislumbrar e cortejar a própria burguesia. E até hoje muito deste conceito de “alta sociedade teatral” permanece como um ideal desnecessário. Contudo, essa história teatral começou de forma bem diferente, em arenas abertas, anfiteatros enormes, com o intuito básico de atrair a população geral – assim como também a *Commedia dell’arte* atraiu para as ruas a atenção de pessoas no mercado. (ARGAN, 2006)

Esse retrocesso quanto ao uso das ruas para apresentações e eventos, com domínio apenas da população de maior poder aquisitivo, principalmente dentro de um espaço físico fechado, desfavoreceu o diálogo de certas estruturas artísticas dominantes do lugar urbano, as quais teriam maior acesso e comunicação direta com as massas.

Outras formas de relações entre o espaço da rua e a população também foram possíveis, como protestos políticos, festivais e eventos de grande porte, propícios e possíveis devido às relações de variedades qualitativas do uso do espaço público, diferentes pelas questões e relações do uso como rotineiras.

As transformações de formas de usos sociais dos espaços da cidade, mediante interferência, mesmo que teatral, geram novos olhares, e até mesmo novas formas de perceber e compreender a cidade.

A circulação cotidiana não é prodiga em propor encontros vinculantes. As performances artísticas atuam diretamente sobre esses elementos, estimulando novas posturas e relações, pois buscam rupturas do cotidiano. Interfere na trama complexa constituída por diversos elementos culturais e pelos procedimentos de circulação cotidiana. A fratura das rotinas é ponto chave da produção de sentidos que o espetáculo propõe, pois supõe outras formas de convivência, ainda que momentâneas. (CARREIRA, 2011, p. 4)

O diálogo entre a população e o lugar urbano propaga-se com o frequentar dos espaços, vivência diária constante de repertórios seguidos em fluxos dentro do traçado urbano. A convivência com os espaços torna o cidadão integrado à cidade como uma forma de relacionamento com o lugar, criando vínculos imaginativos. Tais zonas relacionais que permitem definir lugares, sob conceitos associativos no intrínseco mental da população, podem determinar aspectos de carácter artístico, lugares que se correlacionam por sua capacidade cultural.

O que importa é que o espaço de uso público se ofereça como um meio de socialização e estímulo para a troca sobre múltiplos modos, em que ocorram interações normatizadas e ações comuns, em que se materializem modos de organização da sociabilidade específicos de grupos sócio culturais. (LIMA, 2007, p. 46)

O conceito referente ao apontamento de zonas ditas culturais, que permitem associações de permanência e convivência com determinadas estruturas, tende a novas demandas que propiciam o surgimento de mais espaços culturais nas proximidades. Uma determinação com certeza intuitiva na qual a própria cidade se propõe.

Muita desta atração possibilita o surgimento de novos espaços semelhantes naquele percurso, espaços que estão intimamente ligados e que se oferecem dentro deste limite social. Pela demanda há um crescimento dos mesmos elementos, que são determinantes, para uma homogeneidade e desenvolvimento daquele polo. Em resumo, é a identificação de pontos culturais importantes dentro do traçado urbano, o qual agrega valor ao desenvolvimento acelerado, ao mesmo tempo criando certa competitividade dentro daquele círculo de envolvimento cultural e criativo.

Segundo Canclini, em *Imaginários Culturais da Cidade: Conhecimentos/ Espetáculos/ Desconhecimentos* (2014), a construção das cidades perdeu sua visão e foco geral e agora se estabelece de forma dinâmica potencializada principalmente pelas setorizações em fluxos relacionais com a economia, comunicações e turismo e eu diria também com relação cultural, sob polos de tendência. Em meio a essas tendências materializava-se uma organização social exclusiva de pessoas de grupos sociais culturalmente semelhantes. Essas tendências estão intrinsecamente ligadas à construção de valores, sob um aspecto de visão daquele espaço imaginário e seus lugares físicos.

Alguns espaços, com o tempo, perdem seu conceito agregado de cultura. Não somente o tempo, como a falta de intenções políticas e de investimentos sobre o lugar, e também os novos usos, criam no imaginário social urbano certo medo, que interferem no fluxo urbano. Pensando sobre o aspecto de reestruturação de espaços públicos com potencial cultural e degradados faz-se necessária a reconstrução urbana que, como consequência recria valores perdidos. Intervenções públicas, geralmente realizadas por instituições do comércio e/ou pela própria prefeitura, com projetos urbanos, são consideradas ideias necessárias para agregar valor em áreas de “perda de função e socialização”, como a conceituação de “integradores de grupos sociais”.

Espaços Públicos “Culturais” e Espetacularização

Como já citado, alguns espaços urbanos estão sob repertórios de usos que são favoráveis a atividades culturais, e, exatamente por essa condição de receptividade e potencialidade cultural, surgem estratégias que possibilitariam a utilização destes espaços para a experimentação de eventos culturais, por parte dos órgãos públicos. São espaços que se caracterizam por um momento como um estado de significância para os cidadãos que se utilizam deste local, que, diante de uma nova significação e composição, se reelaboram em um novo “conceito imaginativo” daquele lugar.

Em meio à resignificação de usos dos espaços públicos, com objetivos aleatórios que não sejam a construção de novos “imaginativos da cidade”, os eventos intuitivamente acabam por compor também novas perspectivas relativas ao meio em que se sugerem, consequência do uso a que são impostos.

Diante de uma política de imposições, alguns espaços públicos que possuem oferta cultural são expostos a um grupo marginalizado, o qual acaba por desagregar partes da cidade que nesse caso são expostas a ideais limitadores e condicionadores. É de fácil compreensão que o governo, ao mesmo tempo que se organiza e faz a população ocupar espaços na cidade, impulsiona a utilização dos eventos, mas cujo objetivo é o controle governamental. São tendências naturais de política de uma população com falta de cultura.

A utilização dos espaços a partir de novas significâncias é uma preocupação governamental que coexiste e é relacionada principalmente com a manutenção do poder. E é também por esse motivo que são os espaços públicos os mais utilizados quando há manifestações. Adquirindo um papel rearticulador do espaço da cidade, as forças de poder governamental associam a ideia de eventos culturais à transformação de patrimônio cultural como apropriação de uma interação de domínio pela lógica de Cidade-Espetáculo, produto comercial de domesticação dessa população que se se vê abaixo da necessidade básica de cultura.

Estamos transformando as cidades mediante o conhecimento e a cultura ou convertemos as cidades em espetáculo cultural sem modificar as desordens estruturais? A espetacularização do social existe desde há séculos (missas, desfiles, e outros ritos massivos), mas sua hipertrofia numa época de industrialização da cultura aumenta o risco de nos desviarmos da satisfação de necessidades sociais: no âmbito urbano, a redução da cidade a espetáculo se associa ao predomínio do marketing e à captação de investimentos sobre o sentido social dos bens materiais e simbólicos. (CANCLINI, 2005, p. 5)

Há muito tempo, mais precisamente desde o início do teatro primitivo, quando utilizavam esta técnica para celebrações, tais intervenções sociais já se compunham para o domínio da massificação, as quais tomam partido de um espaço através de elementos forçados, atualmente denominadas “Disneyficações” dos espaços.

Estes exemplos que foram plantados não determinam um espaço cultural de identidade, pois transmitem uma falsa impressão cultural, porém, eles oferecem algum espaço cultural mesmo que incoerente, pensamento triste de necessidade básica quanto à cultura. Estamos diante de “[...] sintomas de uma civilização do simulacro que evidencia a lógica

cultural do capitalismo avançado.” (Jamenson *apud* LIMA; MALEQUE, p. 38). Jameson com suas palavras nos permite pensar que a recorrente cultura a que somos propostos, pensando principalmente em espaços públicos, é decorrência de poucas condições interpretativas, com baixo investimento educacional e uma forma de controle político mascarado, permanente em países pouco desenvolvidos.

Melhorias dos Espaços: Corredor Cultural de Curitiba

Nos ambientes urbanos da atualidade percebe-se que há uma busca constante por restauração, principalmente da composição urbana. Por muitas vezes tratam-se de estruturas urbanas esquecidas e degradadas pelo tempo, subutilizadas, onde se concentram prostituição, doenças e drogas, o que, ao mesmo tempo, afasta a população do fluxo do dia a dia, devido à ideia que se tem do local, que para muitos é de total insegurança.

Estruturas recentes nascem e convivem com espaços antigos, morfologias que com o tempo devem ser restauradas para que permitam o fluxo natural dos cidadãos. O sentido da reestruturação de locais deve buscar integrar as formas do espaço e os processos sociais, como sentido mais importante. Em análise, estas reestruturações devem possibilitar contribuições aos espaços, reunidas sob transformações do lugar urbano, mas que não propiciem uma perda da história do espaço a ser também requalificado.

A identidade cultural da cidade impõe-se sobre a morfologia urbana, em signos intuitivos que, por sua vez, são necessários e permanentes, mesmo que em lugares que recebam uma requalificação e/ou reestruturação.

Panos de preservação podem representar, para as cidades brasileiras, de uma só vez: melhoria na qualidade de vida urbana, crescimento da renda e do emprego nas cidades, construção da memória social e da identidade cultural – portanto, avanço social, cultural, econômico e fortalecimento da cidadania. (LIMA, 2007, p. 67)

Em Curitiba existem alguns exemplos quanto à reestruturação de espaços, como é o caso das ruas Riachuelo e São Francisco, no centro de Curitiba. Da mesma forma, também tinha sido pensado o projeto para o antes denominado Corredor Cultural. A região do Corredor Cultural era o espaço correlato entre o Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná, passando pela praça Santos Andrade e pelo Centro Cultural Teatro Guaíra, em direção ao prédio da Reitoria, também da Universidade Federal do Paraná (Figura 01). Este corredor era definido não somente pela sua linha estruturante central, mas também pelo seu entorno e pelas correspondências culturais em sua proximidade, algumas das quais não existem mais.



Figura 1 – Mapa do Corredor Cultural e elementos circundantes (fonte do autor)

O Corredor Cultural foi um projeto realizado por meio da parceria entre a Prefeitura, a Universidade Federal e a FIEP – que possuía incentivos comerciais e, principalmente, interesses resguardados. A parcela da população referente aos estudantes universitários sentiu-se enganada pelo apelo ao compromisso cultural, instaurado por meio de um exagerado marketing político, pouco voltado para o retorno para essa população, a qual efetivamente faz uso desse contexto. Utilizado como elemento de publicidade política para alguns deputados, e também desenvolvimento econômico do comércio local, o desenvolvimento cultural da região foi o último quesito a ser levado em consideração. E, em consequência das divergências entre população e autoridades, o projeto do Corredor Cultural não foi aprovado na câmara.

O crédito cultural instaurado para essa região do Corredor Cultural existe, a princípio, por todo um contexto cultural que coexiste sobre os elementos de grande influência deste espaço. O Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná, a Praça Santos Andrade e o Complexo do Teatro Guaíra situam-se estrategicamente encaixados no traçado urbano.

Observando a partir de aspectos variados, nota-se nessa região que as ruas ao redor possibilitam uma convergência para este Corredor, acentuando o fluxo existente nesta área. A Praça Santos Andrade é um elemento muito importante, pois trata-se de um espaço livre de construções, uma praça de convivência, entre dois grandes elementos de referência na cidade – e também por esse motivo é um acentuador do fluxo. Esta praça é palco de grandes eventos culturais, shows, apresentações ao ar livre, assim como de manifestações, pois possui um conceito civil agregado como potencialidade. Este conceito civil é importante para identificar locais onde pode haver possíveis formações de massas, assim como pontos referenciais para encontros da população quando há organizações. Estes lugares são, em sua grande maioria, pontos importantes dentro do traçado urbano.

Ao seu redor também existem espaços culturais que propiciaram certo avanço quanto à iniciativa cultural instaurada nesta região. Além dos locais já citados existem ainda: a Caixa Cultural, o Teatro Barracão Encena e a Bicletaria Cultural. O estímulo cultural se deve, a princípio, pelo ponto de maior intuito cultural das proximidades, o Centro Cultural Teatro Guaíra que, por se tratar de uma construção antiga, assim como o Prédio Histórico da UFPR, agrega valor.

A identidade dos espaços citados é construída por certa imaginabilidade que se cria pelas características físicas da cidade, principalmente do “Corredor Cultural” de forte impacto. É o recordar a respeito de um repertório de usos ligados à cultura, interesses em comum, que aperfeiçoa a dinâmica entre as relações dos espaços citados. Este é o conceito proposto pelo livro *A Imagem da Cidade*, que faz uma análise dos fluxos e convívio do que se vê no dia a dia (LYNCH, 2006).

Sobretudo por características físicas e também acontecimentos nesses espaços da cidade, que, por ventura, instaurem-se como recordação daquele espaço na imaginação da população como repertórios de usos. Esses espaços foram palco de shows, apresentações de teatro e eventos como a Virada Cultural e o Festival de Teatro de Curitiba, que acabam por instaurar o significado destes espaços para a população presente.

Sem dúvida alguma estas “referências mentais” são definidas por territórios de pertencimento, imagens que por sua definição física e simbólica de limites e zoneamentos formam uma relação entre o espaço da cidade e o cidadão, potencializada pela combinação de espaços culturais que estão à sua proximidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A cidade favorece a arte, é a própria arte” (ARGAN, 2005, p. 1) foram palavras de Lewis Mumford, e descrevem o quanto a cidade pode de alguma forma se comunicar pela arte. A cidade é viva, cresce diante do olhar dos que a habitam e é fonte e produto artístico dos elementos da rua, assim como da comunidade.

Ao desenvolver o pensamento sobre o espaço da cidade percebemos que a imagem da cidade condiciona muitos dos fluxos e habitats da população – alguns negligenciados passam a ser alvo de marginalidade e, por esse motivo, são pouco utilizados no dia a dia do cidadão. A busca por uma recuperação e requalificação destes espaços agrega e desenvolve aspectos que estavam perdidos antes da construção de “nova reputação”. Um exemplo existente na cidade de Curitiba foi a restauração e requalificação das ruas São Francisco e Riachuelo, as quais ganharam uma nova repaginada e elevaram principalmente os preços dos aluguéis da região. São ruas que ganharam um fluxo diário de pessoas, com uma mudança de público, devido à diminuição de aspectos negativos que existiam antes da requalificação, como a prostituição e a venda e consumo de drogas.

Esta requalificação da região próxima ao Corredor Cultural, nas ruas São Francisco e Riachuelo, foi primordial para o desenvolvimento cultural da região. Analisando o crescimento quanto à relação cultural nesta localidade, pode-se identificar o surgimento recente de uma praça pública (Bolso do Ciclista) e da Bicicletaria Cultural. Há uma demanda cultural propícia a este espaço urbano, pois trata-se de uma região de grande acessibilidade, além de se estabelecer também e principalmente ao redor de dois campus universitários e um Centro Cultural (Teatro Guaíra).

Este espaço urbano possui características propícias a eventos de grande porte, como a Virada Cultural e o Festival de Teatro de Curitiba. Esses eventos transformam o percurso diário do cidadão e ficam marcados na história e na memória das pessoas que utilizam o local, devido a uma diversidade que se propõe em comparação ao dia a dia.

Os eventos culturais de grande porte crescem em larga escala no país e em Curitiba não poderia ser diferente. A necessidade de espaços urbanos que se adequem a estes eventos é analítica e restritiva. Obviamente o espaço denominado antigamente de Corredor Cultural e suas proximidades são ideais para estes eventos, pois possuem muitos referenciais culturais – ditados no texto anteriormente.

O uso desses espaços públicos para eventos é, sem dúvida, um avanço para a cultura da população e um início para o desenvolvimento de uma educação cultural local, pois transgridem o dia a dia da população. Ao mesmo tempo em que existe a necessidade de afirmação deste espaço urbano, que é apontado como cultural, deve haver uma preocupação maior por parte dos órgãos públicos e das autoridades locais quanto à utilização destes espaços para eventos, para que possam abranger toda a classes da população de forma igualitária, sem envolver interesses políticos. Desta forma é possível entender que o desenvolvimento cultural de um espaço da cidade depende também do que a própria rua e o habitat oferecem e agregam à população, em meio a ideais culturais e aspectos que o próprio cidadão constrói.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lucia Pereira. 9ª ed. Campinas, SP: Papyrus: 2012.

CANCLINI, Nestor García. *Imaginarios urbanos*. Eudeba: Buenos Aires, 2005.

_____. *Imaginários Culturais da Cidade: Conhecimento/ Espetáculo/ Desconhecimento*. Disponível em: <<http://nestorgarciacanclini.net/index.php>> Acesso em: 27 ago. 2014.

CAMPAGNARO, Yuri Gabriel. *Corredor Cultural de Curitiba: o que é?*. Blog Fatos são teimosos. 09 nov. 2010. Disponível em: <<http://fatossaoteimosos.blogspot.com.br/2010/11/corredor-cultural-de-curitiba-o-que-e.html>> Acesso em: 30 ago. 2014.

CARDOSO, Ricardo José Brugger. *Espaço cênico-espaco urbano – a relação entre os espaços das artes cênicas e os espaços públicos da cidade*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

CARREIRA, André. Sobre um ator para um teatro que invade a cidade. *Revista Moringa*. João Pessoa, Vol. 2, n. 2, 13-26, jul./dez. de 2011.

_____. Ambiente, Fluxo e Dramaturgias da cidade – materiais do teatro de invasão. *O Percevejo*, Rio de Janeiro, n. 13, artigo 2, 2009.

_____. Teatro de rua como apropriação da silhueta urbana: hibridismo e jogo no espaço inóspito. *Trans/Form/Ação*, vol. 24, n.1, Marília, SP, 2001.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck; MALEQUE, Miria Roseira. *Espaço e cidade: conceitos e leituras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PERAN, Martí. *Espacios (practicados, ficticios e institucionales)*. 2010. Disponível em: <www.martiperan.net>. Acesso em: 27 ago. 2014.